

Julia Quinn

MAIS LINDO
QUE A LUA

Irmãs Lyndon

1





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Querida leitora,


Vou admitir algo que nenhum romancista deveria dizer em público: não acredito em amor à primeira vista. Ao primeiro encontro, talvez, mas à primeira vista? Faça-me o favor.

No entanto, quando comecei a escrever *Mais lindo que a lua*, decidi tentar algo novo. Os heróis e as heroínas dos meus três romances anteriores precisaram de muito mais do que um simples olhar para encontrar a verdadeira felicidade, mas dessa vez decidi fazer meu herói mergulhar de cabeça no amor já na primeira frase.

E foi mágico. Eu nunca havia escrito uma cena tão inebriante, tão cheia daquele encantamento que todos nós sentimos quando nos apaixonamos. Meus dedos formigavam enquanto escrevia e eu não conseguia tirar o sorriso bobo do rosto à medida que as palavras fluíam. Quando cheguei ao final do primeiro capítulo, eu, a descrente, acreditei que Robert e Victoria estavam verdadeira, perdida e profundamente apaixonados e, se não fosse por seus pais intrometidos, teriam vivido felizes para sempre desde aquele momento.

Então eu gostaria de lhe perguntar: você acredita em amor à primeira vista? Sim? Não? Deixa para lá, não importa. Porque posso lhe garantir: ao longo das próximas 272 páginas, você vai passar a acreditar.

Com carinho,



*Para Lyssa Keusch,
minha maravilhosa editora
e protetora de todas as coisas amarelo-esverdeadas,
marrom-arroxeadas e verde-acinzentadas.
Esta cartela de cores é para você!*

*E para Paul, mesmo que ele queira
que eu chame a sequência deste livro
de Mais lindo que a rua.*

CAPÍTULO 1

Kent, Inglaterra

Junho de 1809

Robert Kemble, conde de Macclesfield, nunca fora dado a reações impulsivas, mas, quando avistou a jovem junto ao lago, apaixonou-se no mesmo instante.

Não era a beleza. De cabelos pretos e nariz empinado, ela com certeza era atraente, mas ele já vira mulheres muito mais bonitas nos salões de baile de Londres.

Não era a inteligência. Ele não tinha motivos para acreditar que fosse burra, mas, como não haviam trocado sequer uma palavra, não podia opinar sobre o intelecto dela.

E com certeza não era a graciosidade. Quando colocou os olhos nela pela primeira vez, ela agitava os braços ao mesmo tempo que escorregava de uma pedra úmida e aterrissava em outra com um baque alto, seguido de um igualmente alto “Ai, mas que *diabo!*”, enquanto se levantava e esfregava o traseiro dolorido.

Não conseguia identificar muito bem o que era. Só sabia que ela era perfeita.

Ele se aproximou, mantendo-se escondido em meio às árvores. Ela passava de uma pedra para outra, e qualquer um podia ver que escorregaria de novo, porque a pedra em que pisava estava cheia de limo e...

Splash!

– Ah, minha nossa, minha nossa, minha nossa!

Robert não pôde deixar de rir ao observá-la se arrastar para a margem de forma nem um pouco digna. A bainha do vestido estava ensopada e seus sapatos deviam ter ficado destruídos.

Em seguida, ele inclinou-se para a frente e viu que os sapatos dela estavam ao sol, provavelmente onde os deixara antes de saltar de pedra em pedra. Garota inteligente, pensou, em aprovação.

Ela sentou-se no gramado da margem e começou a torcer o vestido, oferecendo a Robert uma deliciosa visão de suas panturrilhas nuas. Ele se perguntou onde ela teria enfiado as meias.

E então, como se guiada por aquele sexto sentido que só as mulheres parecem ter, ela de repente ergueu a cabeça e olhou ao redor.

– Robert? – chamou ela. – Robert! Sei que você está aí.

Robert congelou. Tinha certeza de que nunca a vira antes, certeza de que nunca tinham sido apresentados e ainda mais certeza de que, mesmo que tivessem sido, ela não o chamaria pelo primeiro nome.

– Robert! – repetiu ela, praticamente gritando. – Insisto que apareça.

Ele deu um passo à frente.

– Como quiser, milady – falou, curvando-se de forma educada.

Ela ficou boquiaberta. Piscou e levantou-se depressa. Então deve ter percebido que ainda estava segurando a bainha do vestido, deixando os joelhos à mostra para quem quisesse ver. Soltou-a.

– Mas quem diabo é o senhor?

Ele abriu seu melhor sorriso torto.

– Robert.

– O senhor *não* é o Robert – balbuciou ela.

– Permita-me discordar – disse ele, sem nem tentar disfarçar o divertimento.

– Bem, o senhor não é o *meu* Robert.

Ele, então, foi inesperadamente invadido pelo ciúme.

– E quem é o seu Robert?

– Ele é... Ele é... Não consigo ver como isso possa ser da sua conta.

Robert inclinou a cabeça, fingindo refletir com seriedade sobre o assunto.

– Bem, uma vez que estas terras são *minhas* e suas saias estão ensopadas com a água do *meu* lago, acredito que isso seja, *sim*, da minha conta.

O rosto dela empalideceu.

– Ah, santo Deus, o senhor não é Vossa Senhoria.

Ele sorriu.

– Eu *sou* Vossa Senhoria.

– Mas... Mas Vossa Senhoria deveria ser um senhor de idade!

Ela parecia perplexa e bastante confusa.

– Ah. Entendi nosso problema. Sou o filho de Vossa Senhoria. O outro Vossa Senhoria. E a senhorita...

– Estou em apuros – disparou ela.

Robert pegou sua mão, que ela não lhe estendera, e curvou-se.

– Fico bastante honrado em conhecê-la, Srta. Estou em Apuros.

Ela riu.

– Srta. Estou em *Grandes Apuros*, a seu dispor.

Se Robert ainda tinha dúvidas quanto à perfeição da mulher à sua frente, elas se dissiparam sob a força do seu sorriso e o óbvio senso de humor.

– Muito bem, Srta. Estou em *Grandes Apuros*. Eu não pretendia ser descortês ao não usar seu nome completo – declarou Robert.

Então ele a pegou pela mão e a conduziu de volta à margem.

– Venha, vamos nos sentar um pouco.

Ela parecia hesitante.

– Minha mãe, que Deus a tenha, faleceu há três anos, mas tenho a sensação de que me diria para não fazer isso. O senhor me dá a impressão de ser um libertino.

Isso chamou a atenção de Robert.

– E a senhorita conhece muitos libertinos?

– Não, claro que não. Mas, se conhecesse, creio que se pareceriam com o senhor.

– E por quê?

Ela curvou os lábios em uma expressão um tanto astuta.

– Não me diga que está querendo elogios, milorde.

– De jeito nenhum. – Ele sorriu para ela, sentou-se e deu uma batidinha no chão ao seu lado. – Não há por que se preocupar. Minha reputação não é tão terrível assim. Está mais para apenas ruim.

Ela riu outra vez, fazendo Robert se sentir o rei do universo.

– Na verdade, meu nome é Srta. Lyndon – disse ela, sentando-se ao lado dele.

Ele se recostou, apoiando-se nos cotovelos.

– Srta. Estou em *Grandes Apuros* Lyndon, presumo?

– Sem dúvida meu pai concorda – replicou ela, atrevida. Então sua expressão mudou. – Eu preciso mesmo ir. Se ele me vir aqui com o senhor...

– Que bobagem – disse Robert, de repente desesperado para mantê-la ao seu lado. – Não há ninguém por perto.

Ela se recostou, ainda um pouco hesitante. Após uma longa pausa, finalmente perguntou:

– Seu nome é mesmo Robert?

– Sim.

– Imagino que o filho de um marquês deva ter uma longa lista de nomes.

– Receio que sim.

Ela suspirou, dramática.

– Coitada de mim. Tenho apenas dois.

– Que são?

Ela olhou de soslaio para ele, a expressão bastante sedutora. O coração de Robert disparou.

– Victoria Mary – respondeu. – E o senhor? Se eu puder me atrever a perguntar.

– A senhorita pode. Robert Phillip Arthur Kemble.

– Esqueceu seu título – lembrou ela.

Ele se inclinou em direção a ela e sussurrou:

– Não queria assustá-la.

– Ah, não me assusto assim *tão* fácil.

– Muito bem. Conde de Macclesfield, mas é apenas um título de cortesia.

– Ah, sim – disse Victoria. – Não se recebe um título de verdade até o pai falecer. Os aristocratas são estranhos.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Tais opiniões provavelmente ainda fariam alguém ser preso em certas partes do país.

– Ah, mas não aqui – concluiu ela com um sorriso malicioso. – Não nas *suas* terras, junto ao *seu* lago.

– Não – declarou ele, encarando os olhos azuis dela e encontrando o paraíso. – Com certeza não aqui.

Victoria não soube como reagir àquele olhar de puro desejo e desviou os olhos. Após um minuto inteiro de silêncio, Robert falou:

– Lyndon. Hum. – Ele inclinou a cabeça, pensativo. – Por que esse nome me é tão familiar?

– Papai é o novo vigário de Bellfield – replicou Victoria. – Talvez seu pai tenha comentado.

O pai de Robert, o marquês de Castleford, era obcecado por seu título e por suas terras, e costumava fazer preleções para o filho sobre a importância de ambos. Robert não tinha dúvidas de que a chegada do novo vigário

tinha sido mencionada como parte dos sermões diários do marquês. Também não tinha dúvidas de que não havia prestado atenção.

Ele se inclinou para Victoria com interesse.

– E a senhorita gosta da vida aqui em Bellfield?

– Ah, sim. Morávamos em Leeds antes. Sinto falta dos meus amigos, mas é muito mais agradável aqui no campo.

Ele fez uma pausa.

– Diga-me, quem é o seu misterioso Robert?

Ela virou a cabeça de lado.

– O senhor está mesmo interessado em saber?

– Sim. – Ele cobriu a pequena mão dela com a sua. – Gostaria de saber o nome completo dele, já que talvez tenha que lhe causar danos corporais se ele tentar se encontrar novamente com a senhorita sozinha na floresta.

– Ah, pare. – Ela riu. – Não seja bobo.

Robert levou a mão dela aos lábios e deu um beijo fervoroso na parte de dentro do pulso.

– Estou falando muito sério.

Victoria fez uma leve tentativa de puxar a mão, mas sem muita convicção. Havia algo na maneira como aquele jovem lorde a encarava, os olhos brilhando com uma intensidade que a assustava e excitava.

– Eu me referia a Robert Beechcombe, milorde.

– E ele se interessa pela senhorita? – murmurou.

– Robert Beechcombe tem 8 anos. Nós íamos pescar. Creio que tenha desistido. Ele havia comentado que a mãe queria que a ajudasse com alguns afazeres.

De repente, Robert riu.

– Estou muitíssimo aliviado, Srta. Lyndon. Detesto ciúmes. É uma sensação bem desagradável.

– Eu... Eu não consigo imaginar por que sentiria ciúmes – gaguejou Victoria. – O senhor não me fez nenhuma promessa.

– Mas pretendo.

– E eu também não lhe fiz nenhuma – disse ela, em tom firme.

– Uma situação que terei de corrigir – retrucou ele com um suspiro. Então ergueu a mão dela de novo, desta vez beijando os nós dos dedos. – Por exemplo, gostaria muito que promettesse que nunca mais olhará para outro homem.

– Não sei o que quer dizer – falou Victoria, completamente perplexa.

– Eu não gostaria de dividi-la com mais ninguém.

– Milorde! Acabamos de nos conhecer!

Robert virou-se para ela, a frivolidade deixando seus olhos com uma rapidez surpreendente.

– Eu sei. Em minha mente, entendo que a vi pela primeira vez há dez minutos, mas meu coração a conhece desde sempre. E minha alma também.

– Eu... Eu não sei o que dizer.

– Não diga nada. Apenas sente-se aqui ao meu lado e aproveite o sol.

E então eles se acomodaram na relva à margem do lago, olhando para as nuvens, para a água e um para o outro. Ficaram em silêncio por vários minutos até que os olhos de Robert se fixaram em algo a distância, e de repente, num pulo, ele ficou de pé.

– Não se mexa – ordenou ele, um sorriso bobo roubando a seriedade de sua voz. – Não se mexa um centímetro.

– Mas...

– Nem um centímetro! – gritou ele, olhando para trás e cruzando depressa a clareira.

– Robert! – protestou Victoria, esquecendo-se por completo de que deveria tratá-lo formalmente.

– Estou quase lá!

Victoria ergueu o pescoço, tentando ver o que ele estava fazendo. Robert correria para um local atrás das árvores, e tudo o que ela conseguia ver era que estava se abaixando. Ela olhou para o pulso, quase surpresa ao ver que o local em que ele a beijara não estava vermelho.

Tinha sentido aquele beijo por todo o corpo.

– Aqui está. – Robert surgiu das árvores e curvou-se de maneira cortês, um pequeno buquê de violetas na mão direita. – Para milady.

– Obrigada – sussurrou Victoria, sentindo lágrimas arderem em seus olhos.

Sentia-se extraordinariamente comovida, como se aquele homem tivesse o poder de levá-la pelo mundo... Pelo universo.

Ele lhe entregou as violetas, com exceção de uma.

– Este é o verdadeiro motivo de eu tê-las colhido – murmurou ele, colocando a última flor atrás da orelha dela. – Pronto. Agora a senhorita está perfeita.

Victoria ficou olhando para o buquê em sua mão.

– Nunca vi nada tão lindo.
Robert encarava Victoria.
– Nem eu.
– O perfume delas é delicioso. – Ela se curvou e inspirou mais uma vez.
– Adoro o cheiro das flores. Há madressilvas crescendo bem em frente à minha janela.
– É mesmo? – indagou ele, distraído, estendendo a mão para tocar o rosto dela, mas contendo-se a tempo.
Ela era inocente e ele não queria assustá-la.
– Obrigada – disse Victoria, erguendo os olhos de repente.
Robert se empertigou.
– Não se mexa! Nem um centímetro.
– De novo? – disparou ela, o rosto se abrindo no mais largo dos sorrisos.
– Aonde você vai?
Ele sorriu.
– Encontrar um retratista.
– Um *o quê?*
– Quero que esse momento fique para a eternidade.
– Ah, milorde – disse Victoria, levantando-se, uma gargalhada fazendo o corpo estremecer.
– Robert – corrigiu ele.
– Robert. – Ela estava sendo bastante informal, mas o primeiro nome dele saía com tanta naturalidade de seus lábios... – O senhor é tão divertido. Não consigo me lembrar da última vez que ri tanto.
Ele se curvou e beijou outra vez a mão dela.
– Ai, meu Deus! – exclamou Victoria, olhando para o céu. – Está tarde. Papai pode vir atrás de mim e, se me encontrar sozinha com o senhor...
– Tudo o que ele pode fazer é nos forçar a casar – interrompeu Robert com um sorriso lânguido.
Ela o encarou.
– E isso não é o suficiente para fazê-lo sair correndo para o próximo condado?
Então ele se inclinou para a frente e beijou-lhe suavemente os lábios.
– Shhhh. Já decidi que vou me casar com a senhorita.
Victoria ficou boquiaberta.
– Está louco?

Ele se afastou um pouco, encarando-a com uma mistura de divertimento e admiração.

– Na verdade, Victoria, acho que nunca estive tão lúcido em toda a minha vida.



Victoria abriu a porta da pequena casa que dividia com o pai e a irmã mais nova.

– Papai! – chamou. – Desculpe o atraso. Estava explorando a região. Ainda há tantos lugares que não vi...

Ela enfiou a cabeça pela porta do escritório. O pai estava sentado atrás da mesa, concentrado, redigindo o próximo sermão. Ele acenou a mão no ar, provavelmente para sinalizar que estava tudo bem e que não queria ser perturbado. Victoria saiu de fininho.

Em seguida, foi para a cozinha preparar o jantar. Ela e a irmã Eleanor se revezavam no preparo das refeições, e aquele era o dia de Victoria. Provou o ensopado de carne que deixara no fogão mais cedo, acrescentou um pouco de sal e depois se afundou em uma cadeira.

Ele queria se *casar* com ela.

Com certeza estava sonhando. Robert era conde. Conde! E um dia seria marquês. Homens de títulos tão importantes não se casavam com filhas de vigário.

Ainda assim, ele a beijara. Victoria tocou os lábios e não se surpreendeu ao perceber que as mãos tremiam. Não achava que o beijo tinha sido tão significativo para ele quanto para ela – afinal, ele era muitos anos mais velho. Com certeza já havia beijado dezenas de mulheres.

Relembrando sonhadamente a tarde, seus dedos traçavam círculos e corações na mesa de madeira. Robert. Robert. Victoria pronunciou o nome dele e em seguida escreveu-o na mesa com o dedo. Robert Phillip Arthur Kemble – traçou o nome completo dele.

Ele era muito bonito. O cabelo escuro era ondulado e apenas um pouco longo demais para os padrões. E os olhos... Seria de esperar que um homem de cabelos escuros tivesse olhos escuros, mas os dele eram azul-claros. Tão claros que sugeriam frieza, mas sua personalidade os tornava cálidos.

– O que você está fazendo, Victoria?

Victoria ergueu os olhos e viu a irmã junto à porta.

– Ah, oi, Ellie.

Eleanor, três anos mais nova do que Victoria, atravessou a sala e pegou a mão da irmã para afastá-la da mesa.

– Assim você vai arrumar uma farpa.

Então soltou a mão de Victoria e sentou-se em frente a ela.

Victoria olhou para o rosto da irmã, mas só via Robert. Lábios bem desenhados prestes a se abrirem em um sorriso, a barba insinuando-se de leve no queixo. E se perguntou se ele tinha de se barbear duas vezes por dia.

– Victoria!

Victoria olhou para a irmã de modo inexpressivo.

– Você disse alguma coisa?

– Eu estava lhe perguntando, pela segunda vez, se você gostaria de ir comigo amanhã levar comida para a Sra. Gordon. Papai está dividindo nosso dízimo com sua família enquanto ela está doente.

Victoria assentiu. Sendo vigário, o pai recebia o dízimo correspondente à produção agrícola da região. Grande parte era vendida para ajudar a igreja da aldeia, mas sempre havia comida mais do que suficiente para a família Lyndon.

– Sim, sim – concordou ela, distraída. – É claro que vou.

Robert. Suspirou. Ele tinha uma risada tão agradável...

– ...um pouco mais?

Victoria ergueu os olhos.

– Perdão. Você estava falando comigo?

– Eu estava dizendo – repetiu Ellie, sem paciência – que provei o enso-pado hoje mais cedo. Precisa de sal. Quer que eu coloque um pouco mais?

– Não, não. Já coloquei agora há pouco.

– O que há de errado com você, Victoria?

– Como assim?

Ellie soltou o ar, exasperada.

– Você não ouviu uma palavra do que eu disse. Tento falar com você e tudo o que faz é olhar pela janela e suspirar.

Victoria inclinou-se para a frente.

– Consegue guardar um segredo?

Ellie curvou-se em direção à irmã.

– Você sabe que sim.

– Acho que estou apaixonada.

– Não acredito nisso nem por um segundo.

Victoria abriu a boca, consternada.

– Acabei de lhe contar que passei pela maior transformação na vida de uma mulher e você não acredita em mim?

Ellie bufou.

– Por *quem* você poderia se apaixonar em Bellfield?

– Consegue guardar um segredo?

– Já disse que sim.

– Pelo lorde Macclesfield.

– O filho do marquês? – gritou Ellie. – Victoria, ele é um conde.

– Fale baixo! – Victoria olhou por cima do ombro para ver se tinham chamado a atenção do pai. – Sei muito bem que ele é um conde.

– Você nem o conhece. Ele estava em Londres quando o marquês nos recebeu em Castleford.

– Eu o conheci hoje.

– E acha que está apaixonada? Victoria, apenas os tolos e os poetas se apaixonam à primeira vista.

– Então suponho que eu seja uma tola – disse Victoria com entusiasmo.

– Porque Deus sabe que não sou poetisa.

– Você ficou louca, minha irmã. Completamente louca.

Victoria olhou para a irmã com ar de superioridade.

– Na verdade, Eleanor, acho que nunca estive tão sã em toda a minha vida.



Naquela noite, Victoria levou horas para adormecer e, quando conseguiu, sonhou com Robert.

Ele a beijava. Suavemente nos lábios e, em seguida, pelo rosto. E sussurrava seu nome.

– Victoria... Victoria...

Ela acordou de repente.

– Victoria...

Ainda estava sonhando?

– Victoria...

Ela saiu de debaixo das cobertas e olhou pela janela ao lado da cama. *Ele* estava lá.

– Robert?

Ele sorriu e beijou o nariz dela.

– Eu mesmo. Nem sei dizer como estou feliz por sua casa ter apenas um andar.

– Robert, o que está fazendo aqui?

– Apaixonando-me perdidamente?

– Robert! – Ela tentou conter o riso, mas o bom humor dele era contagiante. – Estou falando sério, milorde. O que está fazendo aqui?

Ele curvou o corpo de maneira galanteadora.

– Vim cortejá-la, Srta. Lyndon.

– No meio da noite?

– Não consigo pensar numa hora melhor.

– Robert, e se tivesse me chamado no quarto errado? Minha reputação estaria destruída.

Ele se curvou contra o peitoril da janela.

– Você falou sobre as madressilvas. Então fiquei tentando sentir o perfume até encontrar seu quarto. – E inspirou para demonstrar. – Tenho o olfato bem apurado.

– O senhor é incorrigível.

Ele assentiu.

– Isso, ou talvez só esteja apaixonado.

– Robert, você não pode me amar.

Mas, mesmo ao dizer essas palavras, Victoria ouviu seu coração implorando que ele a contradissesse.

– Não posso? – Ele estendeu a mão pela janela até alcançar a dela. – Venha comigo, Torie.

– N... Ninguém me chama de Torie – disse ela, tentando mudar de assunto.

– Eu gostaria de chamá-la assim – sussurrou. Então levou a mão ao queixo dela, puxando-a para si. – Vou beijá-la agora.

Victoria assentiu, trêmula, sem conseguir abrir mão do prazer com que viera sonhando a noite inteira.

Os lábios dele tocaram os dela em uma carícia suave como uma pluma. Victoria estremeceu com o arrepio que percorreu sua coluna.

– Está com frio? – sussurrou ele, as palavras como beijos nos lábios dela. Ela balançou a cabeça.

Robert recuou e envolveu o rosto dela com as mãos.

– Você é tão linda.

Ele pegou uma mecha do cabelo de Victoria, examinando como era sedoso. Então os lábios voltaram a tocar os dela, roçando-os lentamente, permitindo que ela se acostumassem à sua proximidade antes de chegar mais perto. Robert podia senti-la tremer, mas Victoria não tentou se afastar, então soube que ela estava tão emocionada com o encontro quanto ele.

Robert levou a mão até a nuca de Victoria, afundando os dedos em seus cabelos volumosos enquanto contornava os lábios dela com a língua. Ela tinha gosto de limão e hortelã, e ele teve de se controlar ao máximo para não puxá-la pela janela e fazer amor com ela na grama macia. Nunca, em seus 24 anos, sentira um desejo como aquele. Era desejo, sim, mas misturado a uma intensa sensação de ternura.

Relutante, ele se afastou. Sabia que queria muito mais do que poderia pedir dela naquela noite.

– Venha comigo – murmurou.

Victoria levou a mão aos lábios.

Ele pegou a mão dela novamente e puxou-a em direção à janela aberta.

– Robert, estamos no meio da noite.

– A melhor hora para se estar sozinho.

– Mas eu... Eu estou de camisola!

Ela olhou para si mesma como se só então tivesse percebido que não estava vestida de forma apropriada. Pegou seus cobertores e tentou enrolá-los ao redor do corpo.

Robert fez o possível para não rir.

– Coloque sua capa – disse ele, gentil. – E apresse-se. Temos muito que ver esta noite.

Victoria hesitou por um segundo. Sair com ele era um grande absurdo, mas ela sabia que, se fechasse a janela agora, iria se perguntar pelo resto da vida o que poderia ter acontecido naquela noite de lua cheia.

Ela levantou depressa da cama e pegou uma capa longa e escura no armário. Era quente demais para aquele clima ameno, mas ela não podia pe-

rambular pelo campo de camisola. Abotoou a capa, subiu na cama e, com a ajuda de Robert, pulou pela janela.

O ar noturno estava fresco e impregnado pelo perfume das madressilvas, mas Victoria só teve tempo de respirar fundo uma vez antes de Robert puxá-la pela mão e sair correndo. Ela riu baixinho enquanto disparavam pelo campo e entravam na floresta. Nunca se sentira tão livre e viva. Queria gritar sua alegria para as copas das árvores, mas sabia que o pai dormia de janela aberta.

Em alguns minutos, estavam em uma pequena clareira. Robert parou de repente e Victoria trombou nele. Ele a segurou com firmeza, a extensão de seu corpo pressionada de forma indecente contra a dela.

– Torie – murmurou ele. – Ah, Torie.

Então ele a beijou mais uma vez, beijou-a como se ela fosse a última mulher na Terra, a única mulher no mundo.

Após algum tempo, ela se afastou, os olhos azul-escuros desconcertados.

– Está acontecendo tudo tão rápido. Não tenho certeza se entendo.

– Eu também não entendo – disse Robert com um suspiro de satisfação.

– E nem quero tentar entender.

Ele sentou-se no chão, puxando-a com ele. Então deitou de costas.

Victoria ainda estava agachada, olhando para ele, hesitante.

Ele deu um tapinha no chão ao seu lado.

– Deite-se e olhe para o céu. Está espetacular.

Victoria olhou para o rosto dele, iluminado de felicidade, e deitou-se.

– As estrelas não são as coisas mais incríveis que você já viu? – perguntou Robert.

Victoria assentiu e aproximou-se dele, considerando o calor de seu corpo extraordinariamente tentador.

– Elas estão lá para você, sabia? Estou convencido de que Deus as colocou no céu só para que você pudesse admirá-las esta noite.

– Robert, você tem uma imaginação e tanto.

Ele rolou para o lado e apoiou-se no cotovelo, usando a mão livre para tirar uma mecha de cabelo do rosto dela.

– Nunca tive imaginação – disse ele, a voz séria. – Nunca quis ter. Mas agora... – Ele fez uma pausa, como se tentasse encontrar palavras que transmitissem com precisão o que havia em seu coração. – Não sei explicar. É como se eu pudesse lhe dizer qualquer coisa.

Ela sorriu.

– É claro que pode.

– Não, é mais do que isso. Nada do que eu digo parece estranho. Nem mesmo com meus amigos mais próximos consigo me abrir por completo. Por exemplo... – Ele se levantou de repente. – Você não acha surpreendente que os humanos consigam se equilibrar de pé?

Victoria tentou se sentar, mas sua risada a fez cair de volta.

– Pense nisso – disse ele, balançando-se do calcanhar à ponta do pé. – Olhe para os seus pés. São muito pequenos em comparação com o resto do corpo. Seria de esperar que caíssemos toda vez que tentássemos nos levantar.

Desta vez, ela conseguiu se sentar e olhou para os pés.

– Creio que esteja certo. É bastante surpreendente.

– Nunca comentei isso com mais ninguém – admitiu ele. – Sempre pensei a respeito, mas nunca disse nada. Até agora. Suponho que tinha medo de as pessoas acharem estúpido.

– Não acho que seja estúpido.

– Não. – Ele se agachou ao lado dela e tocou seu rosto. – Não, eu sabia que você não pensaria assim.

– E o considero brilhante por ter pensado nisso – disse ela com lealdade.

– Torie. Torie. Não sei como dizer isso, e certamente não entendo, mas acho que a amo.

Ela virou o rosto de repente para olhar para ele.

– Eu *sei* que a amo – declarou Robert com ainda mais veemência. – Nada parecido me aconteceu antes, e não deixarei de forma alguma ser controlado pela cautela.

– Robert – sussurrou ela. – Acho que também o amo.

Ele de repente ficou sem fôlego e sentiu-se tomado por uma felicidade tão grande que não conseguiu ficar parado. Então a puxou pela mão, levantando-a.

– Diga novamente – pediu ele.

– Eu o amo.

Ela agora sorria, envolvida pela magia do momento.

– Outra vez.

– Eu o amo!

As palavras se misturavam ao riso.

- Ah, Torie, Torie. Eu a farei tão feliz. Prometo. Quero lhe dar tudo.
- Eu quero a lua! – gritou ela, de repente acreditando que tais fantasias eram de fato possíveis.
- Eu lhe darei a lua e tudo o mais que você quiser – disse ele com intensidade. E então a beijou.

CAPÍTULO 2

Dois meses se passaram. Robert e Victoria se encontravam sempre que podiam, conhecendo as paisagens da região e, quando possível, conhecendo um ao outro.

Robert lhe contou sobre seu fascínio pela ciência, a paixão por cavalos de corrida e o medo de nunca vir a ser o homem que seu pai queria que fosse.

Victoria lhe contou sobre seu fraco por histórias românticas, a habilidade de costurar em linha reta sem o uso de uma fita métrica e o medo de nunca estar à altura dos rígidos padrões morais do pai.

Ela adorava tortas.

Ele odiava ervilhas.

Ele tinha o péssimo hábito de apoiar os pés na mesa, na cama, onde quer que fosse, quando se sentava.

Ela sempre colocava as mãos na cintura quando estava nervosa, e nunca conseguia parecer tão séria quanto esperava.

Ele adorava a forma como ela franzia os lábios quando estava irritada, como sempre pensava nas necessidades dos outros e a maneira espirituosa como o provocava quando ele agia com arrogância.

Ela adorava a forma como ele passava a mão pelos cabelos quando estava exasperado, como ele gostava de parar para examinar de perto uma flor do campo e a maneira dominante como às vezes agia só para ver se a deixava irritada.

Eles tinham tudo – e ao mesmo tempo nada – em comum.

Encontraram suas almas um no outro e compartilhavam segredos e pensamentos que até então não podiam expressar.

– Eu ainda converso com minha mãe – disse Victoria certa vez.

Robert olhou para ela sem entender.

– Como assim?

– Eu tinha 14 anos quando ela morreu. Quantos anos você tinha quando a sua se foi?

– Sete. Minha mãe morreu dando à luz.

A expressão gentil de Victoria suavizou-se ainda mais.

– Sinto muito. Você mal teve a chance de conhecê-la e também perdeu um irmão. Era menino ou menina?

– Menina. Minha mãe viveu o suficiente apenas para chamá-la de Anne.

– Sinto muito mesmo.

Ele sorriu, melancólico.

– Lembro como era ser abraçado por ela. Meu pai dizia que ela estava me mimando, mas ela não ligava.

– O médico disse que minha mãe teve câncer. – Victoria engoliu em seco. – Sua morte não foi tranquila. Gosto de pensar que ela está lá em cima em algum lugar – Victoria acenou a cabeça em direção ao céu –, onde não sente dor.

Robert tocou sua mão, profundamente emocionado.

– Mas ainda sinto a falta dela. Pergunto-me se algum dia deixamos de precisar de nossos pais. E eu falo com ela algumas vezes. E também a procuro.

– Como assim? – perguntou ele.

– Vai me achar boba.

– Você sabe que eu nunca acharia isso.

Após um instante de silêncio, Victoria confidenciou-lhe:

– Ah, eu digo coisas como: “Se minha mãe está me ouvindo, então que o vento balance as folhas desse galho.” Ou: “Mamãe, se estiver me vendo, faça o sol se esconder atrás daquela nuvem. Para que eu saiba que está comigo.”

– Ela está com você – sussurrou Robert. – Eu posso sentir.

Victoria se aconchegou nos braços dele.

– Nunca contei isso a ninguém. Nem mesmo a Ellie, e sei que ela sente falta da mamãe tanto quanto eu.

– Você sempre poderá me contar tudo.

– Sim – disse ela alegremente –, eu sei.

Era impossível esconder do pai a corte. Robert aparecia na casa da família Lyndon quase todos os dias. Disse ao vigário que estava ensinando Victoria a cavalgar, o que não era mentira, como qualquer um que a visse mancar pela casa após uma aula poderia atestar.

Ainda assim, era óbvio que o jovem casal compartilhava sentimentos mais profundos. O reverendo Sr. Lyndon reprovava a situação veementemente, e dizia isso a Victoria em todas as ocasiões possíveis.

– Ele nunca se casará com você! – exclamou um dia com sua melhor voz de sermão, um tom que nunca deixava de intimidar as filhas.

– Papai, ele me ama – protestou Victoria.

– Não importa se a ama ou não. Ele não se casará com você. É um conde e um dia será marquês. Não se casará com a filha de um vigário.

Victoria respirou fundo, tentando não perder a calma.

– Ele não é assim, pai.

– Ele é como qualquer outro homem. Vai usá-la e depois descartá-la.

Victoria corou ante a linguagem franca do pai.

– Papai, eu...

O vigário a interrompeu:

– A vida não é como um capítulo de seus romances bobos. Abra os olhos, minha filha.

– Não sou tão ingênua quanto pensa.

– Você só tem 17 anos! – bradou ele. – Como poderia não ser ingênua?

Victoria resmungou e revirou os olhos, sabendo que o pai odiava aquelas atitudes nada apropriadas para uma dama.

– Não sei por que ainda me dou ao trabalho de conversar sobre isso com o senhor.

– Porque sou seu pai! E, por Deus, você vai me obedecer. – O vigário inclinou-se para a frente. – Eu vi o mundo, Victoria. Sei bem como são as coisas. Não é possível que as intenções do conde sejam honradas e, se você permitir que ele continue a cortejá-la, acabará caindo em desgraça. Você me entende?

– Mamãe teria compreendido – murmurou Victoria.

O rosto do pai ficou vermelho.

– O que você disse?

Victoria engoliu em seco antes de repetir suas palavras.

– Eu disse que mamãe teria compreendido.

– Sua mãe era uma mulher temente a Deus que conhecia seu lugar. Ela não teria me contrariado nesse aspecto.

Victoria lembrou-se de como a mãe costumava contar piadas bobas para ela e Ellie quando o vigário não estava prestando atenção. A Sra. Lyndon não era tão séria e austera quanto o marido pensava. Não, concluiu Victoria, a mãe teria mesmo entendido.

Ela encarou o queixo do pai por um bom tempo antes de finalmente erguer os olhos e perguntar:

– O senhor está me proibindo de vê-lo?

Victoria achou que a mandíbula do pai fosse se partir em duas, de tão tenso que estava seu rosto.

– Você sabe que não posso proibi-los de se verem – replicou. – Uma palavra de desagrado ao pai dele e serei mandado embora daqui sem uma referência sequer. *Você* tem de romper com ele.

– Eu não vou fazer isso – disse Victoria de maneira desafiadora.

– Você tem de romper com ele. – O vigário não deu mostras de tê-la ouvido. – E deve fazer isso com toda sutileza e tato.

Victoria encarou-o, furiosa.

– Robert vem me visitar daqui a duas horas. Vou sair para caminhar com ele.

– Diga-lhe que não poderá vê-lo outra vez. Faça isso esta tarde ou, por Deus, você irá se arrepender.

Victoria sentiu sua resolução enfraquecer. O pai não batia nela havia anos, desde que era criança, mas parecia bravo o bastante para perder a cabeça. Ela não disse nada.

– Ótimo – concluiu o pai, satisfeito, interpretando o silêncio dela como aquiescência. – E leve Eleanor junto. Você não deve deixar esta casa com ele sem a companhia de sua irmã.

– Sim, papai.

Àquela ordem, pelo menos, Victoria obedeceria. Mas só àquela.



Duas horas depois, Robert chegou. Ellie abriu a porta com tanta rapidez que ele nem conseguiu abaixar a aldrava para uma segunda batida.

– Olá, milorde – disse ela, o sorriso ligeiramente atrevido.

E não era de admirar – Robert lhe pagava uma libra por cada passeio em que ela desaparecia. Ellie nunca tivera problema algum com suborno, fato pelo qual Robert sentia-se muito grato.

– Boa tarde, Ellie – respondeu ele. – Creio que seu dia esteja sendo agradável.

– Ah, muito, milorde. E espero que fique ainda melhor em breve.

– Pequena impertinente – murmurou Robert.

Mas ele não falava sério. Na verdade, gostava bastante da irmã mais nova de Victoria. Compartilhavam um certo pragmatismo e uma tendência a se planejar para o futuro. Se estivesse no lugar dela, estaria exigindo *duas* libras por passeio.

– Ah, você está aqui, Robert. – Victoria surgiu alvoroçada. – Não percebi que havia chegado.

Ele sorriu.

– Eleanor abriu a porta com notável entusiasmo.

– Imagino que sim. – Victoria lançou à irmã um olhar meio irritado. – Ela é sempre muito rápida quando você chega.

Ellie ergueu o queixo e abriu um meio sorriso.

– Gosto de cuidar dos meus investimentos.

Robert caiu na gargalhada. Então estendeu o braço para Victoria.

– Vamos?

– Só preciso pegar um livro – disse Ellie. – Tenho o pressentimento de que terei muito tempo para ler esta tarde.

E saiu depressa pelo corredor e desapareceu em seu quarto.

Robert olhou para Victoria enquanto ela amarrava o chapéu.

– Eu amo você – disse ele em voz baixa.

Os dedos dela atrapalharam-se com as fitas do chapéu.

– Devo dizer mais alto? – sussurrou ele, um sorriso malicioso no rosto.

Victoria balançou a cabeça negando, os olhos correndo para a porta fechada do escritório do pai. Ele lhe dissera que Robert não a amava, que não *podia* amá-la. Mas o pai estava errado. Disso, Victoria tinha certeza. Bastava olhar para os olhos azuis radiantes de Robert para saber.

– *Romeu e Julieta!*

Victoria piscou e ergueu os olhos ao som da voz da irmã, pensando por um instante que Ellie se referia a ela e a Robert como os amantes desafort-

tunados daquela história. Então viu o pequeno exemplar de Shakespeare na mão da irmã.

– Uma leitura bastante deprimente para esta tarde tão ensolarada – disse Victoria.

– Ah, eu discordo – retrucou Ellie. – Acho muito romântica. Com exceção da parte em que todos morrem, é claro.

– Sim – murmurou Robert. – Posso entender por que essa parte não é das melhores.

Victoria sorriu e cutucou-o.

O trio saiu de casa, atravessando o campo aberto e seguindo para a floresta. Após cerca de dez minutos, Ellie suspirou e disse:

– Bem, creio que fico por aqui.

Ela estendeu um cobertor no chão e olhou para Robert com um sorriso astuto.

Ele lhe atirou uma moeda e disse:

– Eleanor, a senhorita tem alma de banqueiro.

– Tenho, não tenho? – murmurou ela.

Então se sentou e fingiu não notar quando Robert segurou a mão de Victoria e se afastou.

Logo chegaram à margem coberta de relva do lago onde se conheceram. Victoria mal teve tempo de estender o cobertor antes de Robert puxá-la para o chão.

– Eu amo você – disse ele, beijando o canto de seus lábios. – Eu amo você – repetiu, beijando o outro canto. – Eu amo você – falou pela terceira vez, tirando o chapéu dela. – Eu amo...

– Eu sei, eu sei!

Victoria finalmente riu, tentando impedi-lo de tirar todos os seus grampos de uma só vez.

Ele deu de ombros.

– Bem, eu amo.

Mas as palavras do pai ainda ecoavam na cabeça de Victoria. *Ele vai usá-la.*

– Você me ama de verdade? – perguntou, olhando fixamente nos olhos dele. – Você tem certeza de que me ama?

Então ele segurou o queixo dela com uma força atípica.

– Como pode me perguntar isso?

– Não sei – sussurrou Victoria, erguendo a mão para tocar a dele, que no mesmo instante relaxou. – Sinto muito. Sinto muito mesmo. Sei que você me ama. E eu o amo.

– Mostre-me – disse ele, com a voz quase inaudível.

Victoria lambeu os lábios aflita, então moveu o rosto e cruzou os centímetros que os separavam.

No momento em que seus lábios tocaram os dele, Robert sentiu o corpo em chamas. Mergulhou as mãos nos cabelos dela, puxando-a para si.

– Meu Deus, Torie – disse ele com voz rouca. – Adoro sentir seu corpo, seu cheiro...

Em resposta, ela beijou-o com renovado fervor, contornando os lábios carnudos dele com a língua, como ele lhe ensinara a fazer.

Robert estremeceu, sentindo um desejo ardente percorrer seu corpo. Queria mergulhar nela, passar as pernas dela em volta de sua cintura e não soltar. Seus dedos encontraram os botões do vestido dela e começaram a abri-los.

– Robert?

Victoria se afastou, assustada com aquela nova intimidade.

– Shhh, querida – disse ele, a paixão deixando sua voz rouca. – Só quero tocá-la. Ando sonhando com isso há semanas.

Ele envolveu o seio sob o tecido fino de seu vestido de verão e apertou.

Victoria gemeu de prazer e relaxou, permitindo que ele concluísse a carícia.

Os dedos de Robert tremiam em razão da expectativa, mas de alguma forma ele conseguiu abrir botões suficientes para soltar o corpete dela. As mãos de Victoria cobriram sua nudez com agilidade, mas ele gentilmente as afastou.

– Não – sussurrou Robert. – Eles são perfeitos. *Você é perfeita.*

Em seguida, como para ilustrar o que dizia, estendeu o braço e roçou o mamilo com a palma da mão. Depois moveu a mão em pequenos círculos e ficou sem ar quando o bico do seio dela se enrijeceu como um botão de flor.

– Você está com frio? – sussurrou ele.

Ela assentiu, depois negou, então assentiu de novo, dizendo:

– Não sei.

– Vou aquecê-la. – Robert envolveu o seio dela com a mão, marcando-a com o calor de sua pele. – Quero beijá-la – disse ele com voz rouca. – Você me permite?

Victoria tentou umedecer a garganta, que estava seca. Ele já a beijara centenas de vezes antes. Mil vezes, talvez. Por que de repente pedia sua permissão?

Quando a língua dele traçou lentamente um círculo ao redor de seu mamilo, ela descobriu.

– Ah, meu Deus! – deixou escapar Victoria, mal conseguindo acreditar no que ele estava fazendo. – Ah, Robert!

– Eu preciso de você, Torie. – Ele enterrou o rosto entre os seios dela. – Você não entende como preciso de você.

– Acho que devemos parar – arfou ela. – Não posso fazer isso... Minha reputação...

Não tinha ideia de como colocar os pensamentos em palavras. O alerta de seu pai ainda estava presente em seus ouvidos. *Ele vai usá-la e depois descartá-la.*

Ela viu a cabeça de Robert entre seus seios.

– Robert, não!

Ele inspirou, ofegante, e fechou o corpete dela. Tentou abotoar a roupa da jovem, mas suas mãos tremiam.

– Eu faço isso – declarou Victoria de súbito, virando-se para ele não ver seu rosto ardendo de vergonha.

Os dedos dela também tremiam, mas provaram ser mais ágeis e, por fim, ela conseguiu se recompor.

Mas Robert notou suas bochechas rosadas e quase morreu ao pensar que ela estava com vergonha de seu comportamento.

– Torie – disse ele com delicadeza.

Como ela não se virou, ele segurou gentilmente seu queixo até que ela o olhasse.

Os olhos dela brilhavam com lágrimas não derramadas.

– Ah, Torie – falou ele, ansiando por tomá-la nos braços, mas se conformando em tocar seu rosto. – Por favor, não se repreenda.

– Eu não devia ter deixado você fazer isso.

Ele sorriu de maneira gentil.

– Não, provavelmente não. E eu provavelmente não devia ter tentado. Mas estou apaixonado. Sei que isso não é justificativa, mas não consegui me conter.

– Eu sei – sussurrou ela. – Mas eu não devia ter gostado tanto.

Robert, então, deu uma gargalhada tão alta que Victoria teve certeza de que Ellie viria correndo investigar.

– Ah, Torie – disse ele, arfando em busca de ar. – Nunca se desculpe por gostar do meu toque. Por favor.

Victoria tentou encará-lo com ar de reprovação, mas o olhar dele era caloroso demais para que ela fizesse isso, e acabou permitindo que seu bom humor retornasse.

– Desde que você não se desculpe por gostar do meu.

Robert agarrou a mão dela e puxou-a para junto de si. Então sorriu, sedutor, parecendo o libertino que Victoria um dia o acusara de ser.

– Esse risco nunca existiu, minha querida.

Ela riu baixinho, sentindo a tensão anterior deixar seu corpo. Em seguida, mudou de posição, apoiando as costas contra o peito dele. Robert brincava despreocupado com o cabelo dela e sentia-se no paraíso.

– Vamos nos casar em breve – sussurrou ele, as palavras com uma urgência que ela não esperava. – Vamos nos casar, e então lhe mostrarei tudo. Vou lhe mostrar como eu a amo.

Victoria estremeceu de expectativa. Ele falava encostado a sua pele, e ela podia sentir a respiração dele em sua orelha.

– Vamos nos casar – repetiu ele. – Assim que possível. Mas até lá não quero que se sinta envergonhada por nada que tenhamos feito. Nós nos amamos e não há nada mais bonito do que duas pessoas expressando seu amor. – Ele a virou para fitar seus olhos. – Eu não sabia disso até conhecer você. Eu... – ele engoliu em seco – ... estive com outras mulheres, mas não sabia disso.

Bastante comovida, Victoria tocou o rosto dele.

– Ninguém nos condenará por nos amarmos antes do casamento – continuou ele.

Victoria não tinha certeza se ele estava se referindo ao amor espiritual ou físico, e tudo o que conseguiu dizer foi:

– Ninguém a não ser meu pai.

Robert fechou os olhos.

– O que ele lhe falou?

– Que eu não posso mais vê-lo.

Robert praguejou baixinho e abriu os olhos.

– Por quê? – perguntou, a voz saindo um pouco mais ríspida do que pretendia.

Victoria pensou em várias respostas, mas por fim optou pela sinceridade:

– Ele disse que você não vai se casar comigo.

– E como ele saberia disso? – esbravejou Robert.

Victoria recuou.

– Robert!

– Sinto muito. Não pretendia levantar a voz. É só que... Como seu pai poderia saber o que se passa na minha cabeça?

Ela colocou a mão sobre a dele.

– Ele não sabe. Mas acha que sabe, e temo que seja só o que importa agora. Você é conde. Eu sou a filha do vigário. Tem de admitir que é uma união bastante incomum.

– Incomum – disse ele, decidido. – Não impossível.

– Para ele é – replicou ela. – Ele nunca vai acreditar em suas boas intenções.

– E se eu falar com ele, pedir-lhe sua mão?

– Isso pode acalmá-lo. Falei que você quer se casar comigo, mas acho que ele pensa que estou inventando.

Robert levantou-se, puxou-a para si e beijou sua mão de forma cortês.

– Então pedirei formalmente sua mão amanhã.

– E por que não hoje? – perguntou Victoria com ar provocador.

– Devo primeiro informar meu pai dos meus planos – retrucou Robert.

– Devo-lhe essa demonstração de respeito.



Robert ainda não contara ao pai sobre Victoria. Não que o marquês pudessem proibir a união. Aos 24 anos, Robert já tinha idade para tomar as próprias decisões. Mas ele sabia que o pai poderia dificultar as coisas com sua reprovação. E, considerando a frequência com que o marquês incentivava Robert a se comprometer com a filha deste duque ou daquele conde, tinha a sensação de que a filha de um vigário não era bem o que o pai tinha em mente para ele.

E assim, com muita determinação e algum receio, Robert bateu à porta do escritório do pai.

– Entre. – Hugh Kemble, o marquês de Castleford, estava sentado atrás de sua mesa. – Ah, Robert. O que foi?

– Tem um instante, senhor? Precisava lhe falar.

Castleford encarou-o com ar impaciente.

– Estou muito ocupado, Robert. Pode esperar?

– É de grande importância, senhor.

Castleford pousou a pena com um gesto de irritação. Como Robert não começou logo a falar, indagou:

– Então?

Robert sorriu, na esperança de melhorar o humor do pai.

– Decidi me casar.

Com isso, o marquês sofreu uma transformação radical. Toda a irritação desapareceu do rosto dele, substituída por pura alegria. Então se levantou e deu um forte abraço no filho.

– Excelente! Excelente, meu filho. Você sabe como eu queria isso...

– Sei.

– Você é jovem, é claro, mas tem muitas responsabilidades. Seria o fim de minha linhagem se o título se perdesse. Se você não tivesse nenhum herdeiro...

Robert não quis mencionar que, se isso acontecesse, o pai já estaria morto, então não saberia da tragédia.

– Eu sei, senhor.

Castleford sentou-se na beirada da mesa e cruzou os braços cordialmente.

– Então me conte. Quem é a felizarda? Não, deixe-me adivinhar. É a filha do Billington, a jovem loura.

– Senhor, eu...

– Não? Então deve ser lady Leonie. Que garoto esperto, você. – Ele cutucou o filho. – A filha única do velho duque. Ela vai receber um dote e tanto.

– Não, senhor – disse Robert, tentando ignorar o brilho avarento no olhar do pai. – O senhor não a conhece.

Castleford empalideceu, surpreso.

– Não conheço? Então, quem diabo é ela?

– A Srta. Victoria Lyndon, senhor.

Castleford piscou.

– Por que esse nome me é familiar?

– O pai dela é o novo vigário de Bellfield.

A princípio o marquês não disse nada. Então caiu na risada. E demorou a conseguir falar de novo.

– Santo Deus, filho, você me pegou direitinho. A filha de um vigário. Você se superou dessa vez.

– Estou falando sério, senhor – afirmou Robert.

– A filha de um... Haha... *O que* você disse?

– Disse que estou falando sério. – E, após uma pausa, acrescentou: – Senhor.

Castleford avaliou o rosto do filho, procurando de forma desesperada algo que indicasse que estava brincando. Como não viu nada, praticamente gritou:

– Você está louco?

Robert cruzou os braços.

– Estou perfeitamente são.

– Eu o proíbo.

– Perdão, senhor, mas não vejo como possa me proibir. Já sou adulto. E – acrescentou, na esperança de apelar para o lado mais compreensivo do pai – estou apaixonado.

– Mas que diabo, garoto! Se fizer isso, vou deserdá-lo.

Pelo visto, o pai *não tinha* um lado mais compreensivo. Robert ergueu a sobrelanceira e sentiu seus olhos passarem do azul-claro para um tom escuro de cinza.

– Vá em frente – disse ele com indiferença.

– Vá em frente?! – balbuciou Castleford. – Você vai ver só uma coisa! Vou deixá-lo sem um centavo! Deixá-lo...

– O que o senhor vai conseguir é ficar sem herdeiro. – Robert sorriu com uma firme determinação que nunca soube possuir. – Que pena para o senhor que mamãe nunca conseguiu ter outro filho. Nem mesmo uma menina.

– Você...! – O marquês começou a ficar vermelho de raiva. Respirou fundo algumas vezes e continuou de maneira mais tranquila: – Talvez você não tenha pensado direito sobre a inadequação dessa garota.

– Ela é bastante adequada, senhor.

– Ela não... – Castleford se conteve ao perceber que estava gritando de novo. – Ela não saberá cumprir os deveres de uma dama da nobreza.

– Ela é muito inteligente. E seus modos são irrepreensíveis. Recebeu uma boa educação. Tenho certeza de que será uma excelente condessa. – A expressão de Robert se suavizou. – Sua essência trará honra ao nosso nome.

– Já pediu a mão dela para o pai?

– Não. Pensei que devia ao senhor a consideração de informá-lo dos meus planos primeiro.

– Graças a Deus – disse Castleford com um suspiro. – Ainda temos algum tempo.

As mãos de Robert se fecharam em punhos rígidos, mas ele não disse nada.

– Prometa-me que não pedirá a mão dela ainda.

– Não vou prometer isso.

Castleford viu a firme resolução nos olhos do filho e encarou-o com ar severo.

– Ouça-me bem, Robert – falou em voz baixa –, ela não o ama.

– Não vejo como poderia saber disso, senhor.

– Maldição, filho. Ela só está interessada em seu dinheiro e seu título.

Robert sentiu a raiva crescer dentro dele, um sentimento bem diferente de tudo o que já sentira.

– Ela me ama – disparou.

– Você nunca saberá se ela o ama. – O marquês bateu as mãos na mesa para dar ênfase. – Nunca!

– Eu já sei – disse Robert em voz baixa.

– O que essa garota tem? Por que ela? Por que não uma das dezenas de moças que conheceu em Londres?

Robert deu de ombros, impotente.

– Não sei. Ela desperta o que há de melhor em mim, creio. Com ela ao meu lado, posso fazer qualquer coisa.

– Santo Deus! – exclamou o pai. – Como posso ter criado um filho que diz essas baboseiras românticas?

– Percebo que essa conversa é inútil – disse Robert, severo, dando um passo em direção à porta.

O marquês suspirou.

– Não vá embora.

Robert virou-se, incapaz de desrespeitar o pai a ponto de desobedecer um pedido direto.

– Por favor, me ouça. Você deve se casar com alguém da sua classe. Essa é a única maneira de ter certeza de que não se casou com uma mulher interessada apenas em sua posição ou dinheiro.

– Segundo minha experiência, as mulheres da sociedade costumam se casar por posição e dinheiro.

– Sim, mas é *diferente*.

Robert considerou o argumento bem fraco, e assim o disse.

Seu pai passou a mão pelo cabelo.

– Como essa garota pode saber o que sente por você? Como poderia não se deslumbrar com seu título, sua riqueza?

– Pai, ela não é assim. – Robert cruzou os braços. – E eu *vou* me casar com ela.

– Você estará cometendo o maior...

– Nem mais uma palavra! – explodiu Robert.

Era a primeira vez que levantava a voz para o pai. Em seguida se virou para sair da sala.

– Diga a ela que o deixei sem um centavo! – gritou Castleford. – E veja se ainda estará interessada em você. Veja se irá amá-lo se você não tiver nada.

Robert virou-se mais uma vez, estreitando os olhos de forma ameaçadora.

– Está me dizendo que fui deserdado? – perguntou ele, a voz com tranquilidade indiferença.

– Está correndo esse risco.

– Fui ou não?

O tom de Robert exigia uma resposta.

– Pode muito bem ter sido. Não me provoque.

– Isso não é resposta.

O marquês inclinou-se para a frente e deixou os olhos se fixarem em Robert.

– Se dissesse a ela que o casamento de vocês talvez resultasse em uma grande perda de riqueza, você não estaria mentindo.

Robert odiou o pai naquele momento.

– Entendo.

– É mesmo?

– Sim. – E, quase como se isso só tivesse lhe ocorrido depois, acrescentou: – Senhor.

Era a última vez que se dirigia ao pai usando aquele tratamento respeitoso.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu

O visconde que me amava

Um perfeito cavalheiro

Os segredos de Colin Bridgerton

Para Sir Phillip, com amor

O conde enfeitado

Um beijo inesquecível

A caminho do altar

E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso

Uma noite como esta

A soma de todos os beijos

Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira

Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais forte que o sol

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

